

**O ESPAÇO E A MULHER NA NARRATIVA FEMININA
CONTEMPORÂNEA: “MARIETA QUER FUGIR”,
DE CECÍLIA LOBO (2021)**

Ariel Montes Lima (UFMT)
gabrielfelipe0308@gmail.com

RESUMO

O presente estudo analisa o conto “Marieta quer fugir”, de Cecília Lobo (2021), com foco na interseção entre o feminino e o espaço. A metodologia envolveu análise literária e pesquisa bibliográfica. O desenvolvimento abordou a representação da protagonista, Marieta, imersa em uma rotina doméstica monótona e asfixiante, contrastada com suas fantasias de liberdade. A análise dos procedimentos narrativos revelou a dualidade entre realidade e imaginação, acentuada pela representação do espaço doméstico como metáfora da opressão social. A análise destacou, ainda, a complexidade da personagem e a reviravolta final como reflexo das normas sociais vigentes. As conclusões apontam para a representação ambígua de Marieta e a função metonímica do espaço, revelando a dinâmica entre liberdade e opressão na vida das mulheres.

Palavras-chave:

Feminino. Literatura Contemporânea. Narrativa Feminina.

ABSTRACT

The present study analyses the short story “Marieta quer fugir” by Cecília Lobo (2021), focusing on the intersection between femininity and space. The methodology involved literary analysis and bibliographic research. The development addressed the representation of the protagonist, Marieta, immersed in a monotonous and suffocating domestic routine, contrasted with her fantasies of freedom. The analysis of narrative procedures revealed the duality between reality and imagination, accentuated by the representation of domestic space as a metaphor for social oppression. The analysis also highlighted the complexity of the character and the final twist as a reflection of current social norms. The conclusions point to Marieta’s ambiguous representation and the metonymic function of space, revealing the dynamics between freedom and oppression in women’s lives.

Keywords:

Feminine. Contemporary Literature. Feminine Narrative.

1. Introdução

No presente artigo, pretendo analisar o conto “Marieta quer fugir” de Cecília Lobo (2021), publicado em 03 de julho de 2021 na revista *Cassandra*. Para tanto, foi realizada análise do material literário, a qual se desenvolveu mediante respaldo da pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, me

detenho sobre dois aspectos essenciais da dita narrativa: o feminino e o espaço.

Para tanto, analiso o papel exercido pela protagonista que nomeia o conto ao decorrer da obra associando-o à função dos espaços doméstico e externo no texto.

Saliento, contudo, que, propositalmente, a pesquisa em questão assume caráter ensaístico e, por vezes, interpretativo. Isso se deve à intencionalidade secundária deste escrito: de questionar a aplicabilidade da metodologia cartesiana para os estudos literários, os quais oferecem *per se* um terreno amplo de subjetividades.

2. Desenvolvimento

A presente seção está dividida em três partes. Na primeira parte, apresento o contexto de produção do material aqui estudado, bem como alguns dados a respeito da autora. Na segunda, realizo uma leitura panorâmica do conto, pontuando alguns dos procedimentos narrativos empregados, bem como o enredo geral. Finalmente, no último momento, analiso, propriamente, a função do espaço no conto de Lobo.

2.1. Contextualização e escolha do Corpus

O texto a ser analisado foi publicado em 03 de Julho de 2021 na Revista Cassandra. A dita revista

[...] surgiu da ideia de reunir mulheres artistas de diversos lugares e com diversas vozes para promover as artes e a literatura feitas por, de e para mulheres.

a sacerdotisa grega assombrada por suas premonições foi o mote para esse projeto, porque toda mulher vive de antecipações. Precisamos estar três passos à frente para conseguirmos chegar ao mesmo lugar. Precisamos antecipar todos os riscos inerentes à nossa condição de mulheres. Precisamos antecipar todos os erros para evitá-los, porque para nós todo erro é uma última chance.

[...] desejamos ser resistência a tempos obscuros, em que tantos esforços para a igualdade e a promoção da diversidade estão sendo contestados, tantos direitos estão sendo retirados.

Em tempos como esses, em que a arte é vista como inimiga e nós mulheres vemos nossos direitos ameaçados, toda voz é uma resistência.

Toda mulher é um grito.

Cassandra é um grito (REVISTA CASSANDRA, 2021, [s.n.]) (grifo das autoras)

O dito texto foi escrito por Cecília Lobo. A autora é “poeta, escritora e mãe. Trabalha com tradução e revisão, é editora da Cassandra e integra a equipe de poetas do portal Fazia Poesia. É autora dos livros ‘Inflamáveis’ (2019) e ‘Labiríntica’” (LOBO, 2021, [s.n.]).

O conto em questão acompanha Marieta, uma mulher simples, que enfrenta uma rotina doméstica evidentemente anódina e asfíxiante. O conto aborda elementos chave da experiência feminina na sociedade, como: desejo e realidade, papéis de gênero, desigualdade marital e a insatisfação com a própria vida.

2.2. Representações, procedimentos narrativos e interpretações

De acordo com Rossini (2016, p. 100), “representação é um conceito passível de várias acepções -portanto, polissêmico, abstrato e instável. Etimologicamente, a palavra, de origem latina e oriunda do vocábulo *repraesentare*, designa ‘tornar presente’ ou ‘apresentar de novo’”. Assim,

[...] toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, do que se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real. Dessa presença decorre sua exigência, porque este objeto não pode ser exaurido, visto que todo processo de comunicação é, se não imperfeito, certamente parcial. (FERARA, 1986, p. 7)

Dentro desse contexto, Marieta é representada como uma mulher submetida ao espaço doméstico que, não obstante, nutre desejos e fantasias supostamente incompatíveis de seu papel tradicional. A personagem, desarte, busca uma vida significativa, glamourizada e livre para a satisfação de seus desejos. O conto destaca a dicotomia entre a realidade opressiva da vida doméstica de Marieta e a realidade imaginada que a invade.

Através do fluxo de pensamento, a narrativa promove o acesso ao leitor aos pensamentos e fantasias de Marieta de forma direta. Assim, a alternância entre a realidade da rotina doméstica e os devaneios da protagonista revela a dualidade da personagem, criando um contraste entre o que é e o que poderia ser. Isso se torna bastante claro já nos primeiros momentos do texto, em que se contrapõem a realidade asfíxiante da vida marital e a fantasia:

“Feijão, farinha, manteiga”, Marieta ia recitando na cabeça. Tinha vergonha de fazer lista quando o marido estava em casa, não queria ser posta de sonsa. [...]

Depois de pegar tudo e pagar a conta, começou a criar fantasias outras. Pensava em sua irmã mais moça, na cidade, que se casara com um bem de vida boa pinta que a levava para almoçar fora todos os domingos depois da igreja. Ficou pensando se fosse ela, Marieta, de conjunto de linho e chapéu da moda, braço dado ao bonitão, caminhando naquela cidade enorme até um restaurante... Ia imaginando e deixando que os pés, sábios do costume, a levassem para casa sozinhos. (LOBO, 2021, [s.n.])

A alternância entre a realidade da rotina doméstica, representada pela lista de compras e pela preparação das refeições, e a imaginação fértil de Marieta cria um contraste representativo, que destaca a dualidade da vida da personagem através da tensão entre seus desejos e responsabilidades sociais. Não somente isso, porém, a mescla de vozes adiciona uma camada de complexidade ao texto através do discurso indireto livre, como em:

Ia deixando atrás de si um rastro de vizinhas fofoqueiras que, confusas, comentavam que a outra parecia doída, a cabeça na lua, passou sem nem cumprimentar, parecendo um zumbi! “Você viu, Conceição? Passou de biculta, nem cumprimenta! Tem o rei na barriga, essa Marieta...” (LOBO, 2021, [s.n.])

Ademais, a captura do vernáculo popular favorece a percepção de outra dicotomia subjacente ao espaço *doméstico-urbano*. Trata-se do fato de que Marieta – diferente de sua irmã – habita uma cidade do interior, o que, supõe-se, intensifica a atmosfera de arraigo à tradição, que sustém a força dos papéis de gênero naquela sociedade. Essa sociedade provinciana é bastante bem representada pela atitude das vizinhas, que observam Marieta “espionando em seus aventais e trocando risinhos” (LOBO, 2021, [s.n.]).

O provincianismo é recuperado mais adiante na passagem: “Em casa o marido já tomava uma cerveja no quintal, agarrado no radinho que guinchava um modão poluído de estática” (LOBO, 2021, [s.n.]). Afinal, como assinalam França e Vieira (2021), a masculinidade e o ruralismo são valores intrinsecamente ligados na nossa cultura.

A fantasia, portanto, é apresentada como um meio de escapar à realidade anódina, monótona e opressiva que rodeia a personagem. Essa atmosfera asfixiante se revela com bastante clareza na passagem:

As crianças botavam abaixo a casa, mas ele nem notava. Não abaixava os olhos nunca, só passaria a enxergar os filhos depois que eles lhe alcançassem o eixo da visão. Tampouco notou quando ela chegou, que a mulher só

via as vezes. Marieta até tentou dizer que ia começar o almoço, mas a resposta foi o grunhido padrão que havia anos ela aceitava como uma espécie de consentimento. (LOBO, 2021, [s.n.])

Aqui, são apresentados, pelo menos, dois pontos essenciais para a compreensão do contexto em que se insere a protagonista. Em primeiro plano, a invisibilização do trabalho feminino de cuidado doméstico e familiar é explícita pelo descuido do marido. Em segundo lugar, a própria carência afetiva da protagonista, cuja relação com o marido está, evidentemente, desgastada é destacada pela falta de interesse deste na própria esposa.

Curiosamente, Lobo retoma, logo em seguida, o aspecto da fantasia, que toma praticamente todos os parágrafos seguintes até o final do texto. *Vide*:

Voltou a pensar na irmã enquanto lavava as verduras, em sua manicure sempre feita, certeza teria horror a meter as mãos no cloro. Pensava se fosse ela, Marieta, de unhas pintadas tendo a mão acariciada pelo marido vistoso da outra sobre uma mesa bem posta [*sic*] que ela nem trabalhou em pôr! (LOBO, 2021, [s.n.])

Nesse primeiro fragmento há uma demarcação da dicotomia real-imaginário, que se manifesta na oposição entre o ato mecânico de lavar as verduras e a visualização da vida idealizada. Estão, dessarte, revistos os elementos anteriormente apresentados, a saber: a autoestima (unhas pintadas), o afeto e o desejo (mãos acariciadas pelo marido) e o trabalho doméstico (mesa que ela não trabalhara em pôr).

A miúde, a díade anteriormente referenciada se repete no parágrafo subsequente

Separou o feijão das pedras enquanto sonhava em tirar medidas na costureira para fabricar um vestido de festa, que lhe permitisse rodar nos salões brilhantes da cidade grande. O som dos grãos batendo no fundo da panela parecia música e ela se viu rodando rodando rodando [*sic*] até ficar tonta, e pedir água — água, era hora de botar água e fechar a panela e ligar o fogo, imagina se fumasse aquelas cigarrilhas em longas piteiras e o marido apaixonado sempre lhe acendesse a pontinha com um isqueiro bonito e lustroso, quase fazendo par com a caixinha de metal que ela guardaria de volta na bolsinha minúscula que custava também minúscula fortuna, e num sorriso provocante mancharia a pontinha do vermelho daquele batom que comprara mas nunca usava pois o marido de verdade tinha rido quando tentou... (LOBO, 2021, [s.n.])

Se percebe, entretentes, uma dinâmica crescente no escalonamento da intensidade narrativa. Isso é demarcado pela tensão sexual que emerge durante o preparo dos alimentos e ascende à ideação homicida

E então refogar o arroz, e imagine que linda ficaria numa camisola bem branquinha, de rendas, e que houvesse um *homem* disposto a *despi-la* com cuidado e maravilhas? E então *bebendo saliva* e *suor* um do outro, os corpos se confundindo num balé que ela nunca dançara, os segredos do *gozo* todos desvendados, a boca bonita do homem da irmã engolindo toda a sua carne... *E já ia mexendo distraída na carne, corada de vergonha e vontade, quando danada a faca meio cega escorrega e abre um corte em seu dedo, o sangue dela se misturado ao do bicho que cortava para alimentar a família, e então...* Imagina se gritasse às crianças que fossem até a vizinha, brincar com os filhos dela, escutando atenta os passinhos até que sumissem no dia modorrento. *E então voltasse, limpasse da faca o sangue do bicho e andasse até o marido na ponta dos pés, abafando suas intenções com a música alta que ela detestava, chegando bem pertinho como se quisesse lhe dar um cafuné mas então fizesse a ele o que antes fazia ao bicho, que agora interessava às moscas na pia. Largada a faca e limpas as mãos, tiraria da tomada o radinho infernal e cheia de pachorra beberia a cerveja gelada num gole só, para mandar embora o calor que fazia...* (LOBO, 2021, [s.n.]) (grifos meus)

Ainda em meio às ideias homicidas, no entanto, vale destacar que a narradora enfatiza o caráter pulsional de tal elemento: algo claro no alinhamento posteriormente trabalhado no clímax do conto. É dizer: há um jogo dialético entre as pulsões de vida e morte representadas pelo desejo (tanto sexual quanto não sexual) e pela revolta com as condições de vida que lhe são impostas.

Mais adiante, percebe-se um recurso de contraponto. A protagonista se vê, afinal, tomada pela realidade e, nesse momento, se desvencilha de seus pensamentos. *Vide:*

Teria ficado presa para sempre nesse delírio assassino, não fosse o apito da panela de pressão. Correu para abaixar o fogo e se apoiou na parede, o coração em fúria quase saindo pelo vestido de chita. Onde estava com a cabeça? Onde já se viu, pensar uma coisa dessas! Seu corpo todo parecia torcido de angústia, até a bexiga reclamou e dos olhos saltaram lágrimas que ela não convidara. Aos poucos a vida foi voltando ao foco: enxergava de novo os azulejos da cozinha, que ela tanto esfregara no dia anterior. (LOBO, 2021, [s.n.])

Enfim, o arrependimento e a vergonha se assomam à personagem, implicando em um desfecho complexo e emblemático.

Que cabeça de nuvem. *E quanta maldade no coração!* Haja pai-nosso e ave-maria para *limpar tanta sujeira*. Marieta quase abriu um *pranto inconsolável*, mas segurou. O que diria se alguém perguntasse porque chorava? *Arrependida e propensa a penitências, fez um sinal da cruz, tomou distância da faca*, espiou com doçura as crianças, pegou na geladeira outra cerveja, encheu o copo do marido e, com uma audácia recém-inaugurada, sentou em seu colo e deu nele um beijo na boca, de língua e tudo, como não se usava nunca.

O homem, surpreso, cedeu à investida, sem entender mais nada. (LOBO, 2021, [s.n.]) (grifos meus)

A reviravolta final adiciona complexidade ao personagem e à história, destacando o papel de Marieta como uma personagem ambígua e complexa. A culpa pelo desejo de subversão é confrontada antes mesmo de qualquer ação concreta, destacando a força das formações ideológicas de manipulação do feminino.

Outro aspecto digno de menção é a maneira como são representados o marido e as crianças, que não recebem nome. Esses, por sua vez, são mostrados como monocórdicos e “planificados”. Digo assim, pois semelhante escolha narrativa contribui para a percepção de que o que acessamos é majoritariamente um construto da mente de Marieta; construto esse, inclusive, ignoto para os seus. A isso – suponho – se deva sua representação “simplificada”.

Ademais, no tocante à estilística do texto, nota-se que a narradora incorpora, elementos poéticos na prosa, se valendo ostensivamente de imagens e metáforas.

2.3. O espaço

De acordo com Osman Lins (1976),

[...] A narrativa repudia sempre os elementos mortos (as motivações vazias) e dessa lei não pode o ficcionista fugir. Mesmo admitindo-se a hipótese de desdenhar o narrador as necessidades internas do seu conto ou romance, introduzindo, por exemplo, certo espaço para não ter função alguma ou de modo absolutamente aleatório, corresponderá tal recurso a uma finalidade metalinguística [...] (LINS, 1976, p. 106)

Acerca do referido ponto, o espaço pode cumprir diferentes funções em meio à narrativa, como:

[...] caracterizar a personagem por meio dos objetos dispostos ou conservados, bem como por outros elementos exteriores à personagem (bairro ou situação geográfica - indicados ou insinuados), mas, em alguns casos, apenas de modo psicológico; receber a projeção da personagem, às vezes, de maneira subjetiva, mais como um estado de espírito; propiciar ou provocar a ação da personagem; situá-la em relação à ação cumprida. (SUZUKI, 2006, p. 56)

Nesse ínterim, o espaço doméstico desempenha um papel fundamental no conto de Cecília Lobo, contribuindo para a construção da atmosfera, as interações entre sujeitos e o desenvolvimento do enredo.

A casa, retratada como um ambiente de confinamento para Marieta, evidenciando o contraste entre o espaço físico da casa e o espaço mental da imaginação de Marieta. Enquanto a protagonista executa suas tarefas cotidianas, sua mente vagueia por cenários fantasiosos, demonstrando uma dualidade entre o confinamento físico e a liberdade mental.

Nesse sentido, a realização de tarefas domésticas torna-se uma metáfora para as limitações sociais e as expectativas impostas às mulheres, especialmente no contexto social em que o conto foi escrito (haja visto que o Brasil é um país fortemente marcado pelo machismo). O ambiente doméstico, portanto, reflete as normas sociais e as expectativas tradicionais em relação ao papel da mulher na sociedade. Pode-se notar, dessarte, que o espaço doméstico atua como uma metonímia da própria sociedade em que a protagonista está inserida.

No entanto, o espaço doméstico, embora ocupe lugar de destaque no conto, se vê inserido em um espaço urbano do interior do país. Isso torna a díade casa-cidade menos antitética. Afinal, embora a cidade interiorana revele-se como um ambiente de maior liberdade, Marieta permanece submetida ao olhar normatizador da sociedade, metaforizado pela figura das vizinhas. Assim sendo, a estrutura espacial está configurada em um jogo fractal, no qual escapar de um estágio da opressão implica ingressar em outro, cujos aparatos da opressão se mostram mais sutis, embora igualmente violentos.

Sobre esse último ponto, saliento ainda que -ao que parece- a idealização da cidade grande que Marieta alimenta se deva à estreiteza mental que lhe constitui. Isto é: dada a condição de vida provinciana à qual a protagonista está exposta, sua visão de realidade (e, por conseguinte, de percepção da sociedade) também se vê restrita. Aparentemente, isso é um dos elementos que conduzem a personagem a pensar que a vida em outra cidade seria menos sufocante, anódina e opressiva.

Dessa maneira, o encerramento do conto culmina em um pessimismo indelével, que, tacitamente, revela a condição de quase imutabilidade das condições sociais que constituem a realidade da mulher em terras brasileiras (e em outros territórios).

3. Considerações finais

O presente artigo buscou analisar o conto “Marieta quer fugir” de Cecília Lobo (2021). Para tanto, procurei me deter sobre a maneira como

o aspecto feminino é tratado no texto, juntamente com o papel delegado ao espaço na narrativa. À conclusão do estudo, foi possível notar que a personagem protagonista é representada como uma figura ambígua, cujos desejos se encontram em conflito com as normas sociais de comportamento que lhe são impostas.

Assim, o uso do espaço doméstico tem natureza metonímica, de modo que representa a própria sociedade patriarcal que cerca a personagem. O espaço urbano do interior, por sua vez, é apresentado como um terreno de maior liberdade para a personagem, porém, também opressivo. Tal opressão se revela com mais clareza na figura das vizinhas, que ratificam o discurso patriarcal acerca dos comportamentos femininos. Enfim, o espaço da cidade grande (apenas referenciado) é um *locus* idealizado, que a personagem não conhece propriamente. Isso evidencia que, provavelmente, sua percepção da metrópole seja, justamente, restrita em virtude de sua experiência ser limitada em seu contexto provinciano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Leituras sem Palavras*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)

FRANÇA, Vera Regina Veiga; VIEIRA, Vanrochris Helbert. Universo sertanejo: amor traído e Bolsonaro. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 15, n. 1, p. 6-28, 2021.

SUZUKI, Júlio César. O espaço na narrativa: uma leitura do conto 'preciosidade'. *Revista do Departamento de Geografia*, [s.l.], v. 19, p. 54-67, 2011. DOI: 10.7154/RDG.2006.0019.0005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47252>. Acesso em: 6 fev. 2024.

LINS, Osman. Espaço romanesco, Espaço romanesco e ambientação e Espaço romanesco e suas funções. In: _____. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p. 62-110

LOBO, Cecília. Marieta quer fugir. *Revista Cassandra*. 2021. Disponível em: <https://revistacassandra.com.br/marieta-quer-fugir-cec%C3%ADlobo-4df1b81360b>. Acesso: 21 jan. 2024.

REVISTA CASSANDRA. Apresentação. 14 abr. 2021. Disponível em: Apresentação. *cassandra surgiu da ideia de reunir... | by cassandra | revis-tacassandra*. Acesso: 07 jan. 2024.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ROSSINI, Tayza Nogueira. A Construção do Feminino Na Literatura: Representando a Diferença. *Trem de Letras*, v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 jul. 2016.